**ATRAVESSADAS PELO ARQUIVO, ENTRE COSTURAS E EXPERIÊNCIAS QUE PRODUZEM TRABALHADORA FABRIL: UMA HISTÓRIA SOBRE O SETOR TÊXTIL DE BLUMENAU**

Tatiane Beretta; UNESC; tatiane.beretta@unesc.net

João Henrique Zanelatto; UNESC; jhz@unesc.net

Área Temática 10: Temas especiais

**RESUMO**

A pesquisa analisa como os arquivos históricos constroem a imagem das trabalhadoras do setor têxtil em Blumenau, explorando identidades femininas e experiências sociais. Argumenta que o capitalismo não apenas transforma o trabalho, mas também molda a identidade e a reprodução social. A submissão ao trabalho ocorre não só pela coerção, mas pela reestruturação social. Assim, compreender essas experiências exige uma abordagem que integre corpo, economia e sistemas interseccionais. O sindicalismo no setor têxtil de Blumenau não pode ser analisado apenas como um espaço de luta por direitos trabalhistas, mas também como um reflexo da domesticação feminina e da família dentro da estrutura capitalista. Os materiais históricos analisados demonstram que, além de reivindicar melhores condições de trabalho, os sindicatos e os documentos oficiais reforçavam uma visão binária das mulheres, caracterizando-as pela fragilidade e feminilidade. Essa representação não correspondia apenas à experiência real das trabalhadoras, mas à necessidade do sistema capitalista de manter um controle sobre seus corpos e funções sociais. As mulheres do setor têxtil aparecem frequentemente descritas como dóceis, pacientes e dedicadas, características associadas ao ideal da feminilidade tradicional. Essa construção simbólica servia para justificar sua presença em um trabalho exaustivo, repetitivo e mal remunerado, ao mesmo tempo que reforçava sua subordinação dentro do ambiente fabril e doméstico. As relações de trabalho eram estruturadas de maneira a manter a mulher em um papel secundário, tanto na produção quanto nas decisões sindicais. O próprio discurso sindical, ainda que fundamental para melhorias trabalhistas, frequentemente reproduzia essa lógica, enquadrando as mulheres como figuras que precisavam de proteção, e não como agentes de transformação social. Além disso, os documentos demonstram que o capitalismo não apenas explorava a mão de obra feminina, mas também organizava a vida das famílias operárias de forma a garantir sua reprodução dentro das fábricas. A domesticação do corpo feminino estava atrelada à lógica da produção: enquanto os homens eram vistos como os provedores, as mulheres acumulavam o trabalho fabril e a responsabilidade pelo cuidado da família. A análise dos registros históricos também evidencia que essa domesticação não ocorreu apenas por meio de discursos e normas, mas foi materializada em práticas que restringiam a autonomia feminina. Ao mesmo tempo, os próprios sindicatos, majoritariamente comandados por homens, tinham dificuldade em incorporar pautas específicas das mulheres, limitando sua voz nas decisões coletivas. Portanto, os materiais históricos do sindicalismo têxtil de Blumenau revelam a construção da identidade das mulheres nesses documentos não é neutra, mas carrega as marcas da dominação econômica e social que definiu seu papel no trabalho e na vida privada. Dessa forma, compreender essas narrativas permite uma reflexão crítica sobre como a exploração feminina foi naturalizada ao longo da história e como esses padrões ainda influenciam a estrutura do mercado de trabalho e da sociedade contemporânea.Parte inferior do formulário

**Palavras-chave:** Gênero; Interseccionalidade; Sindicalismo; Trabalho